

Produção industrial nos Estados da área de atuação do BNB

O nível de atividade industrial cresceu em nove dos quinze locais pesquisados, no Brasil (-0,6%), no acumulado de janeiro e fevereiro de 2020, comparativamente ao mesmo período de 2019. Dentre as elevações mais significativas, ficaram entre a 2ª e a 5ª maiores taxas do País, respectivamente: Pernambuco (+7,6%), Região Nordeste (+6,4%), Bahia (+5,8%) e Ceará (+3,3%). Por seu turno, Espírito Santo (-13,5%) e Minas Gerais (-10,4%) registraram as maiores retrações. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os seis locais mencionados acima contemplam a área de atuação do Banco do Nordeste (BNB). Observa-se que, especificamente os quatro locais relativos ao Nordeste (a própria Região, Ceará, Pernambuco e Bahia), apresentaram os melhores resultados do País, no acumulado de 2020, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, que registrou a maior taxa (+9,7%).

A evolução da indústria nos Estados correspondentes à área de atuação do BNB pode ser observada no Gráfico 1, quanto ao período acumulado de janeiro e fevereiro, dos anos de 2018 a 2020. Após um início de ano positivo, em 2018, para os Estados da Região Nordeste, observou-se nova retração em 2019, que também afetou Espírito Santo. Assim, apenas Minas Gerais cresceu no acumulado dos dois primeiros meses do ano passado (+1,3%). Por seu turno, o início de 2020 pode ser caracterizado pela busca por recuperação no Nordeste, pela manutenção da repercussão negativa do rompimento da barragem de Brumadinho sobre as indústrias de Minas Gerais (-10,4%) e Espírito Santo (-13,5%).

O avanço no Ceará (+3,3%) reflete apenas o desempenho da indústria de transformação (+3,3%), conforme aponta o Gráfico 2. Dentre as 11 atividades pesquisadas, 7 cresceram no acumulado de 2020: coque e derivados do petróleo (+44,3%); produtos de metal (+15,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+10,9%); confecções, vestuários e acessórios (+7,4%); alimentos (+6,9%); produtos de minerais não metálicos (+6,5%), e bebidas (+4,1%). Recuaram: outros produtos químicos (-39,1%); metalurgia (-17,5%); têxteis (-10,3%), e couro, artigos para viagem e calçados (-0,8%).

Em Pernambuco, melhor resultado dentre os locais selecionados (+7,6%), 7 das 12 atividades, também relativas apenas à indústria de transformação (Gráfico 2), avançaram: alimentos (+29,0%); bebidas (+12,1%); outros produtos químicos (+8,4%); produtos de minerais não metálicos (+8,2%); têxteis (+6,9%); produtos de borracha e plástico (+6,2%), e produtos de metal (+2,3%). Reduziram-se: outros equipamentos de transporte (-81,7%); celulose e papel (-7,6%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-6,6%); sabões e cosméticos (-3,2%), e metalurgia (-2,0%).

A Bahia (+5,8%) refletiu estabilidade na indústria extrativa (0,0%), mas avanços na indústria de transformação (+6,1%). Ver Gráfico 2. Na seção de transformação, avançaram 3 das 11 atividades: coque e derivados do petróleo (+41,3%); celulose e papel (+29,5%), e bebidas (+5,8%). Recuaram: metalurgia (-50,3%); produtos de minerais não metálicos (-14,5%); veículos, reboques e carrocerias (-9,0%); outros produtos químicos (-2,0%); couro, artigos para viagem e calçados (-1,3%); produtos de borracha e plástico (-1,1%); alimentos (-1,0%), e equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-0,9%).

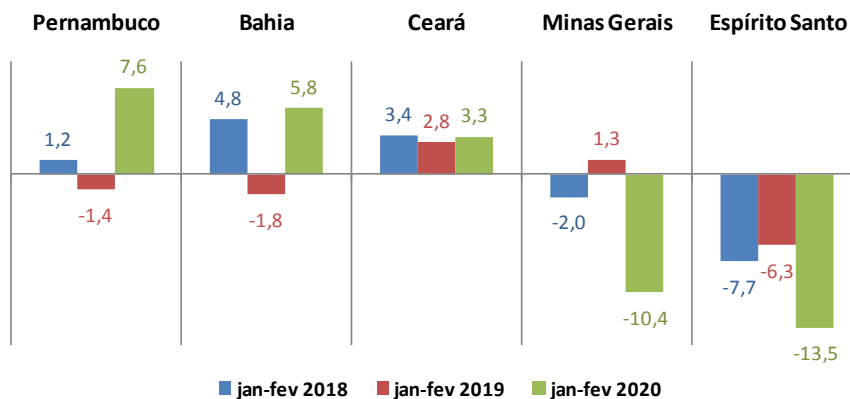
Em Minas Gerais (-10,4%), o recuo foi principalmente puxado pela indústria extrativa (-36,7%), que reduziu a produção de minério de ferro em bruto ou beneficiado (Gráfico 2). Mas apresentou também redução na indústria de transformação (-2,0%), pressionada pelo recuo em 6 das 12 atividades pesquisadas: produtos de minerais não metálicos (-12,3%); veículos, reboques e carrocerias (-11,1%); produtos de metal (-8,4%); coque e derivados do petróleo (-4,1%); metalurgia (-3,7%), e outros produtos químicos (-0,5%). Registraram aumento: produtos têxteis (+32,0%); produtos do fumo (+8,1%); bebidas (+3,4%); produtos alimentícios (+2,9%); máquinas e equipamentos (+2,6%), e celulose e papel (+1,9%).

O recuo na indústria do Espírito Santo (-13,5%) foi influenciado, principalmente, pela indústria extrativa (-29,2%), com redução em minérios de ferro pelotizados ou sinterizados e óleos brutos de petróleo. Conforme se observa no Gráfico 2, houve aumento na indústria de transformação (+1,8%), onde registrou elevação em 2 das 4 atividades pesquisadas: metalurgia (+9,6%) e alimentos (+3,2%). Reduziram-se: celulose e papel (-13,1%), e produtos de minerais não metálicos (-1,6%).

Os dados apresentados anteriormente não haviam sido afetados pela crise sanitária. A prévia da Sondagem da Indústria de abril de 2020, que contém indicadores nacionais elaborados pela Fundação Getúlio Vargas, indica recuo de 39,5 pontos do Índice de Confiança da Indústria (ICI) em relação ao número final de março, para 58,0 pontos. Caso esse resultado se confirme, pois se trata de uma prévia, essa será a maior queda mensal, com o índice alcançando o menor valor da série histórica.

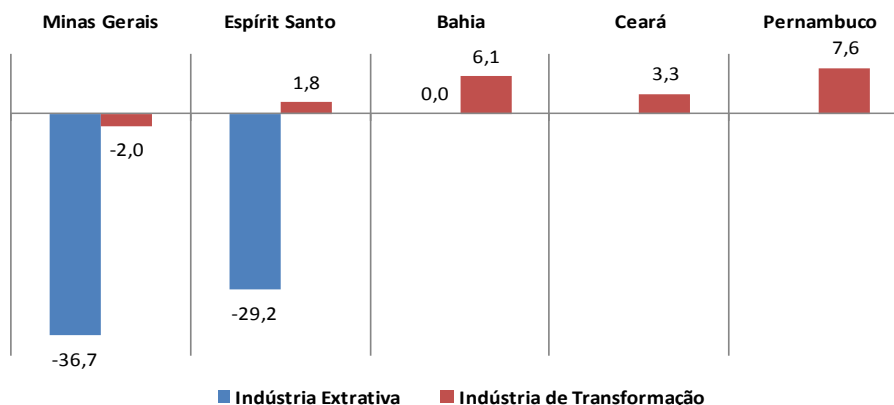
A queda da confiança em abril é resultado da percepção dos empresários em relação à crise sanitária e do pessimismo em relação aos próximos três e seis meses. O Índice de Expectativas apresenta queda de 47,3 pontos, para 48,9 pontos, enquanto o Índice de Situação Atual aponta recuo de 31,0 pontos, para 67,8 pontos. O resultado preliminar de abril indica ainda diminuição de 17,8 pontos percentuais do Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (NUCI), para 57,5%, o menor valor da série histórica.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Estados da área de atuação do BNB - Acumulado de janeiro-fevereiro, de 2018 a 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial - Indústrias extrativa e de transformação (%) - Estados da área de atuação do BNB - Acumulado janeiro-fevereiro de 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior Equipe Técnica: Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wendell Márcio Araújo Carneiro. Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: João Marcos Rodrigues da Silva. Jovem Aprendiz: Rafael Henrique Silva Santos.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.